

## **PARADIGMAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS E AS NOVAS PERSPECTIVAS PERIFÉRICAS, NO CONTEXTO PÓS-GUERRA**

**FRIA.** Sara Tatiany Curcio, Tullo Vigevani, Luiz Antônio Francisco de Souza - Ciência Política - Ciências Sociais - Departamento de Ciências Políticas e Econômicas - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Marília.

Desde o começo de 1980 a teoria das Relações Internacionais tem visto a emergência de questionamentos teóricos, os quais têm submetido as teorias tradicionais que dominam a área como o Realismo, o Liberalismo e o Racionalismo, a um minucioso exame crítico.

Estudiosos como Richard Ashley, Robert W. Cox, Mark Hoffman, entre outros, foram os primeiros a dirigirem questões epistemológicas, ontológicas e normativas à disciplina. A questão epistemológica gira em torno da relação entre conhecimento, valores, identificando interesses latentes que guiam as principais tradições teóricas das Relações Internacionais. A questão ontológica está preocupada com a identificação e análise dos agentes relevantes e estrutura nas RI, revelando suas transformações históricas e cumplicidade com várias formas de dominação e exclusão. A questão normativa, já implícita nos dois aspectos anteriores, é dirigida por um interesse à emancipação. Aqui se percebe influências teóricas de K. Marx e Escola de Frankfurt.

Em 1990 uma nova geração de teóricos críticos internacionais emergiu. Esta geração inclui Karen Fierkle, Stephen Gill, Mark Neufeld, entre outros. Estes também são marcados por influências teóricas da geração anterior; contudo, trazem novas influências teóricas incorporando elementos *foucaultianos*, *wittgensteinianos*, etc.

Tanto a primeira, quanto a segunda geração desses críticos, destacam que as teorias tradicionais das RI são marcadas por duas características principais. Primeiro, uma metodologia positivista assumindo que os fatos e valores, bem como o sujeito e o objeto, podem ser separados com vistas a obter um conhecimento científico da realidade estudada. Segundo, essas teorias tendem a legitimar estruturas políticas e sociais vigentes, e por conseguinte, a sua desigualdade de poder e riqueza.

Por contraste, a revisão crítica — ou os estudos “pós-positivistas”, conforme foram chamados —, parte da convicção de que os próprios processos cognitivos estão sujeitos a interesses políticos e, por isso, podem ser avaliados criticamente. As teorias das RI, como qualquer conhecimento, necessariamente estão condicionadas por influências sociais, culturais e ideológicas. Assim, uma das principais tarefas da revisão crítica é revelar os efeitos destes condicionantes. Dentre esses efeitos, coloca-se o reconhecimento de que a disciplina tem sido dominada por um *mainstream* constituído por pesquisadores e instituições anglo-saxãs e eurocêntricas, — o que implicou a permanência de uma determinada forma de ver e explicar o internacional. Os teóricos críticos alertam que esse grupo dominante construiu uma determinada noção de periferia, tanto geográfica, quanto dentro da própria disciplina das RI, além disso, tais visões reforçaram programas de pesquisas e categorias analíticas de interesse primeiramente do local de onde elas foram formuladas, sustentando um espaço onde determinado entendimento do mundo e interesses foram privilegiados em detrimento de outros (TICKNER, 2003). Além de silenciar e tornar invisível um grande número de perspectivas escondidas por esse discurso dominante, marginalizando conhecimentos e experiências que recebem pouco ou nenhum valor como fonte de conhecimento.

O chamado Terceiro Mundo<sup>1</sup> é particularmente ilustrativo disso. Arlene Tickner em *Seeing IR*

---

<sup>1</sup> Entendemos o termo “Terceiro Mundo” conforme a conceitualização de Tullo Vigevani em *Terceiro Mundo: conceito e História* (1990). Segundo o autor “o termo foi utilizado pela primeira vez como consequência da comparação da situação dos países pobres e despossuídos do mundo com a das classes que na França, antes da Revolução de 1789, constituiu o Terceiro Estado. Essa utilização foi feita por Alfred

*Differently: Notes from the Third World* (2003) levanta a problemática da precariedade do Terceiro Mundo como representante do conhecimento e das formulações teóricas sobre o internacional. A autora menciona as dificuldades que estes enfrentam para a publicação de artigos em jornais e revistas especializadas e na participação desses estudos nos debates e seminários que ocorrem no centro do sistema internacional, levantando a hipótese de que esses estudos tenham sido silenciados por “guardiões” situados à porta de entrada da disciplina.

Citando James N. Rosenau, a autora, chama a atenção para as condições concretas de trabalho dos pesquisadores do Terceiro Mundo constituídas por diversidades de carências. Essas condições influenciam o caminho no qual a realidade é pensada e problematizada por esses pesquisadores, levando-os a refletir sobre temas como a guerra, o Estado, a soberania, etc, num estilo diferente de outros estudiosos que possuem outras condições de trabalho. E, paradoxalmente, os pesquisadores que possuem condições materiais privilegiadas e mais confortáveis acabam isolando-se em “torres de marfim” que os desviam do centro dos problemas críticos do mundo cotidiano.

Esse prévio levantamento bibliográfico permitiu um provisório diagnóstico do estado atual desse movimento crítico na disciplina: embora reivindique um pluralismo intelectual para o campo teórico das RI e essa demanda parece aumentar, a maioria do conhecimento teórico sobre os países periféricos do Sistema Internacional, paradoxalmente continua a ser produzido por autores provenientes dos países centrais (canadenses, americanos, ingleses, franceses etc.). Assim, essas teorias críticas ganharam uma conotação periférica não porque emergem na própria periferia, mas porque surgem à margem dos grupos e instituições que dominam a área e ainda porque permanecem restritas (as teorias) a alguns indivíduos nos países centrais.

Nesse sentido, a principal problemática levantada foi a seguinte: em que medida há a preservação ou não de espaço para a produção intelectual autônoma, proveniente da periferia geográfica do Sistema Internacional ou do chamado Terceiro Mundo, nesse momento em que a área passa por uma forte revisão crítica? Resolver essa problemática é o objetivo específico dessa pesquisa.

Uma solução possível foi oferecida mediante a seguinte hipótese: embora haja uma crescente demanda por esses estudos autóctones — que, segundo o ponto de vista crítico, teriam uma natureza diferente das produções teóricas dominantes, em virtude das especificidades sócio-políticas e históricas que influenciam a construção do conhecimento —, a preservação desse espaço está seriamente comprometida porque não tem sido acompanhada por esforços sistemáticos e materiais que façam viabilizar essa produção.

Para essa verificação, foram intencionalmente selecionados quatro pesquisadores brasileiros: João Pontes Nogueira (IRI/PUC-RIO), Nizar Messari (IRI/PUC-RIO), Paulo Esteves (PUC-MG) e Antônio Jorge Ramalho (UnB), os quais podem ser agrupados sob as seguintes características: são pesquisadores de instituições representativas nos estudos sobre RI, no Brasil; são pesquisadores situados na periferia do Sistema Internacional; trabalhando, portanto, sob determinadas condições materiais; e, sobretudo, todos assumem um posicionamento crítico em seus estudos sobre Relações Internacionais, estando dessa forma, expostos às duas variáveis colocadas pela hipótese que guia a solução do problema da pesquisa.

Na dimensão quantitativa da hipótese, serão empregadas técnicas e procedimentos de coleta e análise de dados com o objetivo de entender a relação entre as duas variáveis (demanda de pesquisa x investimentos materiais), a técnica de pesquisa empregada será a realização de entrevistas com os pesquisadores a fim de obter informações sobre as condições materiais de produção e inclusões de seus trabalhos científicos. Na dimensão qualitativa que coloca a possibilidade de um autêntico

---

Sauvy e Georges Balandier, franceses, em 1956, generalizando-se a partir de então” (1990:7). Vigevani rejeita qualquer compreensão estática do termo ou como algo fora do jogo das forças reais. O Terceiro Mundo é entendido como uma categoria política que não podemos desconhecer-la devido a sua significativa incidência no mundo contemporâneo importando saber a substância de tal categoria: forte desejo de participação internacional defendida por intermédio de afirmações de posições e propostas próprias.

conhecimento produzido na periferia, será feita a investigação sobre o perfil e a característica do pensamento do grupo, levantando suas respectivas produções acadêmicas.

Os quatro pesquisadores brasileiros escolhidos têm-se percebido como um grupo sensível à temática “produção teórica periférica”. As contribuições desses intelectuais ao tema têm-se dirigido no seguinte sentido:

O professor João Pontes Nogueira procura entender o porquê da escassa penetração da teoria crítica nos meios acadêmicos da periferia, cuja contribuição poderia fornecer instrumentos à formulação de perspectivas teóricas alternativas, além de permitir desconstruir a própria noção de periferia. Entretanto, o que ele verifica é um fortalecimento da hegemonia das teorias tradicionais, o que acarreta uma “divisão de trabalho”, cabendo aos estudiosos de RI da periferia dedicar-se aos estudos regionais (de segurança e integração) e análise de política externa, deixando o espaço para produção teórica preservada aos intelectuais do *mainstream*.

Para o autor, trata-se de descolonizar tanto a mente dos intelectuais da periferia como os estudos de RI através da crítica aos fundamentos ontológicos e do etnocentrismo contidos nas produções teóricas clássicas e, ainda, superar a exclusão dos pesquisadores da periferia dos debates acadêmicos “sérios” sobre o internacional. E conclui que, paradoxalmente ao que vem acontecendo, é justamente na periferia que se encontram, as condições, saberes e práticas que podem contribuir para uma reformulação da teoria das Relações Internacionais.<sup>2</sup>

O professor Paulo Esteves entende *o centro e a periferia* como duas instâncias diferentes de um discurso que funda uma determinada autoridade retórica. Ele assume que é possível produzir uma teoria das RI própria da periferia do Sistema Internacional. Porém, a investigação relativa à legitimidade desta produção teórica requer a exploração de suas características singulares. O autor sugere que o principal atributo singular da periferia seja a sua ambivalência contida no seu lugar de enunciação. A sua localização epistemológica e semântica implica o risco de sair da condição de sujeito e passar para a de objeto de seu discurso, colocando o centro como uma instância particular, o que esvazia suas próprias reivindicações. Então, conclui Paulo Esteves, que a legitimidade da produção teórica periférica não reside na sua diferença absoluta em relação ao centro, mas na sua capacidade de imitá-lo e, dessa forma, situar o próprio centro.<sup>3</sup>

Nizar Messari rejeita o conceito de *centro e periferia* utilizado pelos teóricos da dependência, pois, segundo ele, tal conceito reifica dois espaços geográficos e priva tanto o analista, quanto o leitor, da complexidade do que se está em jogo. O autor analisa a questão da identidade e alteridade verificando as suas similaridades e diferenças do ponto de vista da periferia e do centro. E afirma que, embora se espere que a periferia seja mais aberta à alteridade — pois ela é precisamente o “outro” nas RI —, de acordo com sua investigação, diversidade e alteridade não necessariamente andam de “mãos dadas” na periferia e que estar nela também não é uma garantia de diversidade. O autor analisa, ainda, que a teoria pós-positivista permite lidar, em bases sólidas, com a questão da identidade, porém é de limitado uso para tratar o assunto da alteridade partindo do ponto de vista da periferia.<sup>4</sup>

E, finalmente, o professor Antônio Jorge Ramalho se interroga sobre a possibilidade do chamado Terceiro Mundo estar de volta nos debates sobre RI e o significado dos novos protagonistas da periferia. Ele entende que é um anacronismo tratar as RI em termos de três mundos e que isso só fazia sentido quando o mundo estava dividido entre esferas capitalistas, socialistas e os não-alinhados. Para o autor, hoje, num mundo globalizado, isso é insustentável, dada a mobilidade e multiplicidades de *centros e periferias* que resultam dessa mobilidade. Ramalho mostra ainda que, já que os termos dos debates sobre o internacional e os temas prioritários da agenda de investigação científica estabelecidos nesse debate não são os “nossos”, o protagonismo na “periferia” adquire significado

---

<sup>2</sup> Paper não autorizado pelo autor para divulgação (em vias de publicação).

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Idem.

duplo: por um lado legítima — através da participação — as “regras do jogo” e, por outro, em alguma medida, redefine o “nosso” papel no debate e no espaço político.<sup>5</sup>

Espera-se que ao confrontar a visão teórica crítica com os dados retirados da realidade desses quatro pesquisadores brasileiros, a pesquisa mostre se há constrangimentos materiais que impeçam a periferia de produzir conhecimentos teóricos, ou se essas mesmas condições, marcadas por diversidade de carências, criam a oportunidade para que a produção acadêmica na periferia se individualize, tanto em relação às suas contrapartes críticas provenientes do centro do Sistema Internacional, quanto ao próprio *mainstream*. Principalmente, se produzir teoria de RI na periferia do Sistema Internacional implica uma clivagem, tanto em relação aos primeiros, quanto aos segundos. Tudo isso nos dará bases seguras para caracterizar o papel que esse grupo de intelectuais brasileiros pode estar exercendo no Brasil, bem como as suas características específicas com relação à orientação teórica crítica.

Tão importante quanto valorizar os possíveis resultados da pesquisa é marcar o seu limite. Essa limitação estará na própria resposta que será dada à problemática da pesquisa por meio da verificação da hipótese. Tal resposta está especialmente circunscrita ao grupo específico escolhido, pois, embora seja um grupo representativo para o Brasil, o resultado da análise não poderá ser generalizado à toda comunidade de pesquisadores nacionais da área de Relações Internacionais. Muito menos à toda produção periférica dessa área de conhecimento. Contudo, servirá de valioso subsídio às pesquisas futuras complementares ou comparativas.

#### **Referências Bibliográficas:**

Burchill, S. **Theories of International Relations**. Palgrave Publishers, NY, 2001.

NOGUEIRA, J. P. & MESSARI. **Teoria das Relações Internacionais: Correntes e Debates**. Ed. Campus, RJ, Elsevier, 2005.

TICKNER, A. . **Seeing IR Differently: Notes from the Third World**. Millennium: Journal of International Studies. 32(2): 295-324, 2003.

VIGEVANI, T. **Terceiro Mundo: Conceito e História**, SP: Ed. Ática AS, 1990.

**Bolsa:** FAPESP

---

<sup>5</sup> Conforme anotações pessoais sobre a apresentação da palestra do autor oferecida no Seminário Internacional na PUC/Rio em 08/11/2005.